

As Mulheres de Tijucopapo e A Hora da Estrela:* os entre-lugares onde Rísia e Macabéa (não) se encontram

Carmen Sevilla Gonçalves dos Santos
Universidade Federal da Paraíba
Doutoranda em Letras/Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Este trabalho problematiza a formação identitária intra e entre espaços fronteiriços. Para tanto, enfatizamos a protagonista Rísia, de *As Mulheres de Tijucopapo*, cotejando-a com Macabéa, de *A Hora da Estrela*. Entendemos que mapear os possíveis pontos de identificação no trajeto migratório de cada uma das personagens nos permite uma reflexão sobre a relação entre identidade individual e coletiva. Tal mapeamento também nos fornece uma posição analítica propícia à compreensão das relações entre a identidade e os fluxos migratórios entre regiões.

Palavras-chave: Identidade; espaços fronteiriços; Mulheres de Tijucopapo; A Hora da Estrela.

Abstract:

This essay considers the problem of the identity formation in and between bordering spaces. We focalize the protagonist Rísia, in *As Mulheres de Tijucopapo* and presenting a counterpoint with Macabéa, in *A Hora da Estrela*. We understand that to map the possible points of identification in the migratory stretch of each character allows us a reflection over the relation between individual and collective identity. It also provides us an analytical position which is propitious to the comprehension of the relations between the identity and the migratory flows between areas of a country.

Key words: Identity; bordering spaces; *As Mulheres de Tijucopapo*; *A Hora da Estrela*.

* Trabalho desenvolvido na disciplina Literatura Comparada ministrada pelo Prof. Dr. Roland Walter do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

Résumé:

Dans ce travail nous allons traiter la formation identitaire *intra* et *entre* des espaces frontaliers. Nous mettrons en relief le protagoniste Rísia, de *As Mulheres de Tijucopapo* (*Les femmes de Tijucopapo*), le confrontant avec Macabéa de *A Hora da Estrela* (*L'heure de l'Etoile*). Nous considérons que relever les différentes possibilités des points d'identification dans le parcours migratoire de chacun des personnages nous permet une réflexion sur la relation entre identité individuelle et collective. Ce repérage nous fournit aussi une position analytique favorable à la compréhension des relations entre identité et flux migratoires entre régions.

Mots-Clé: identité; espaces frontaliers; *As Mulheres de Tijucopapo*; *A Hora da Estrela*.

A identidade é uma temática essencialmente interdisciplinar tamanha é sua complexidade e abrangência. Responder a uma pergunta aparentemente básica como “Quem sou eu?” é na verdade uma das tarefas mais difíceis que uma pessoa pode empreender.

Para responder a esta questão somos levados a pensar através de díades, como por exemplo, individual/social, eu/outro, aqui/lá, estabilidade/transformação, unicidade/totalidade, igualdade/diferença, num contínuo jogo dialético, no sentido hegeliano do termo. Serão as lentes do domínio do conhecimento que está empreendendo a tarefa de responder a questão em pauta — a Filosofia, a Sociologia, a Psicanálise, a Psicologia, a Antropologia, enfim — que indicarão a ênfase numa destas díades.

Diferentemente do que ocorre com o estudo sobre outras temáticas, de cunho essencialmente interdisciplinar, os vários domínios do conhecimento têm apontado — guardando evidentemente, as especificidades de cada área — perspectivas de análise e estudo acerca da identidade numa direção muito semelhante, sobretudo nos últimos anos.

Antônio Ciampa¹ vai empregar o termo *metamorfose* para expressar o movimento contínuo de personagens² *que ora se conservam*,

¹ Antônio Ciampa é psicólogo social brasileiro que há muitos anos se dedica ao estudo da identidade. Em sua obra *A história de Severino e a estória de Severina*, o autor fez a análise de uma história de vida e do poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, tematizando a identidade a partir do ponto de vista da Psicologia Social.

ora se sucedem, ora coexistem, ora se alternam, apesar da aparência de totalidade que a identidade evoca. (1987 apud Jacques 1998:163)

Depreende-se deste pensamento de Ciampa que a identidade é sempre um processo: metamorfoseamo-nos constantemente num contexto social reciprocamente permeável às influências.

Se minha resposta à questão “Quem sou eu?” for “eu sou eu”, isto significa que *eu* não sou o *outro*, então eu conheço um *outro* e sei que diante dele *eu* me diferencio, embora existam *outros* semelhantes a *mim*, mas que apesar disso, não são *eu*. Ainda é por causa das semelhanças encontradas na convivência com o *outro* que percebemos as diferenças entre o *outro* e *eu*. Semelhanças e diferenças são descobertas na relação eu-outro, eu-não eu, eu-grupo. Não é paradoxal que para falar de *mim*, eu — que em princípio, sou a pessoa que mais sei de mim — necessite de um *outro*? Até o nosso nome é dado pelo outro e em muitos casos escolhido antes mesmo do nosso nascimento.

Entendemos então que é possível localizarmos não a identidade como elemento totalitário, unitário, completo, mas processos de identificação, que embora sejam mais pontuais ainda são processuais e por isso, instáveis.

Bhabha ao discutir sobre o processo de identificação na analítica do desejo, apresenta três condições que subjazem a sua compreensão:³

a) existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou locus [...]; b) o próprio lugar da identificação, retido na tensão da demanda e do desejo, é um espaço de cisão [...] e c) a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora — é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação — isto é, ser para um Outro — implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. (Bhabha 2001: 75-76).

² Personagem aqui é um termo de Erving Goffman (1985) para referir-se à identidade empírica que é a forma que a identidade se representa no mundo. O autor emprega termos próprios à arte cênica para analisar questões pertinentes à identidade.

³ Embora Bhabha use estas condições numa análise específica de Fanon e da relação colonial, elas nos são bastante apropriadas aqui.

Nestas três condições, as implicações recíprocas do jogo diádico entre o *eu* e o *outro* são sinteticamente explicitadas.

Seria possível continuar tentando responder à questão “Quem sou eu?” utilizando-nos daquilo que fazemos. Alguém poderia dizer: “eu sou professor” ou “eu sou estudante”. Aqui uma questão se impõe: o que fazemos diz o que somos? Não, não diz: somos muitos mais do que aquilo que fazemos, embora haja uma íntima relação já estudada há muito entre identidade e trabalho.

Como exemplo de estudo que trata da relação entre identidade e trabalho, temos a investigação de Gomes (1990). Neste estudo, *A experiência do vazio*, dissertação de mestrado em Psicologia Social publicada posteriormente em livro, Gomes estuda as implicações do *fazer no ser*. Analisa indivíduos que saíram de Recife e foram para São Paulo retornando para Recife, em busca de si. O fato destes indivíduos não terem trabalho fazia com que eles se sentissem como se não existissem. Morando indignamente debaixo das pontes, como tudo que não existe, eles não tinham endereço, não ocupavam espaço. O círculo estudado era: *ter — saber — fazer — ser* e suas influências recíprocas: como não *tinham* posses não estudaram, logo não tinham um *saber* especializado, portanto não *faziam*, o *não-fazer* repercutia, por sua vez, num sentimento de *não ser*. E o círculo iniciava-se.

Esta relação entre identidade e trabalho não diz tudo, mas diz bastante, tanto que grande parte das crises vivenciadas por desempregados e aposentados tem como foco a representação que eles fazem de si: quem eles são, já que não trabalham e numa sociedade capitalista somos definidos pelo quê/quanto produzimos?

Outras respostas para a pergunta “Quem sou eu?” ainda seriam possíveis, mas quer seja recorrendo às características mais individuais, como as físicas e as psicológicas, quer seja recorrendo as mais coletivas, por assim dizer, as religiosas, as étnicas, as de gênero, as lingüísticas, enfim, não conseguiremos chegar ao âmago da questão.⁴ Isto porque a

⁴ Mesmo as características tidas como individuais estão marcadas indelevelmente por nossa inserção sócio-cultural. No caso das características físicas temos determinações genéticas que nos tornam semelhantes não apenas numa escala filogenética, mas também com o grupo familiar ao qual pertencemos. Ao passo que as características psicológicas são amplamente marcadas por nossa pertença

suposta resposta à indagação em tela precisaria estar desarraigada da lógica binária e formal sob as quais as nossas estruturas mentais estão acostumadas a raciocinar. Queremos logo enquadrar, conceituar, definir, construir critérios, propor parâmetros e paradigmas para os objetos e as pessoas. Sim ou não; aqui ou lá; estabilização ou transformação. A pós-modernidade e a fragmentação advinda destes novos tempos impõe o e ao invés do ou. Sim e não; aqui e lá; estabilização e transformação.

Arelada ainda à questão “Quem sou eu?” uma outra evidencia-se: a qual identidade estamos nos referindo? Identidade Pessoal? Psíquica? Cultural? Social? Nacional? Haveria diferença entre estes adjetivos? Sim e não.

Ao se falar de identidade pinçamos uma nuance dependendo também de qual identidade “estamos investidos” naquele momento, mas todas as outras nuances precisam ser pensadas em conjunto, porque uma tem implicação sobre a outra, num círculo dinâmico e ininterrupto, sobretudo num mundo globalizado em que vivemos. Neste contexto, Hall ao discorrer sobre identidades culturais afirma:

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (Hall 2002:74)

Os problemas, ou melhor dizendo, as crises no processo de compreensão/construção da identidade aumentam quando pensamos em sujeitos inseridos em determinadas situações, como por exemplo, a migração.

No presente trabalho, problematizaremos a formação identitária intra e entre espaços fronteiriços — não apenas no aspecto geográfico, mas cultural e psicológico — enfatizando a personagem Rísia, de *As Mulheres de Tijucopapo*, fazendo um contraponto com Macabéa, protagonista de *A Hora da Estrela*.

a uma determinada cultura, sociedade, religião, etnia, etc. (Existem também teorias que defendem a determinação biológica de muitas de nossas características psicológicas).

Não pretendemos efetuar uma comparação exaustiva — traçando uma relação biunívoca entre os elementos das obras em voga — como, de fato, os romances permitem e solicitam, mas para os limites deste trabalho, abordaremos com prioridade *As Mulheres de Tijucopapo*, utilizando-nos d'A *Hora da Estrela* apenas como um parâmetro para contrapontos mais conspícuos.

Entendemos identidades culturais aqui da forma como apresentada em Hall (2002:8): “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem do nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”.

Escolhemos, dentre tantas perspectivas, estudarmos a formação identitária via literatura porque concordamos com o pensamento de Walter quando afirma que:

[...] Enquanto o discurso das ciências sociais baseados em teorias estatísticas examina o fenômeno contemporâneo em um nível abstrato, escritores e seus personagens, como agentes e sujeitos da transformação, infundem aos dados científicos, sentimento e emoção.⁵ (Walter 2003:15)

Neste sentido, o romance da escritora pernambucana Marilene Felinto *As Mulheres de Tijucopapo* permite uma análise de matizes da identidade cultural em construção pela narradora-personagem Rísia. Construção esta refletida e refratada por sua inserção em múltiplos e sobrepostos entre-lugares engendrados pela sua condição de migrante nordestina em São Paulo. Rísia é mestiça, descendente de negro e índios; tem um relacionamento de amor e ódio com os pais; é filha de mãe protestante e pai ateu; dentre outras condições que aparecem com menos intensidade.

As Mulheres de Tijucopapo é o relato de uma memória sofrida que simultaneamente busca origens regionais e de identidade cultural e na esteira dessa procura a reconstrução de uma

⁵ No original: “While the discourse of social sciences based on statistical theories examines contemporary phenomena on an abstract level, writers and their characters, as agents and subjects of transformation, infuse scientific data with feeling and emotion”.

identidade pessoal. A interrogação sobre esta identidade contribui para sua reconstrução na medida em que, ao evocar o passado, o presente lhe dá novo sentido. (Vieira 2001:67)

Ao passo que podemos encontrar em Macabéa, a protagonista de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, um profícuo contraponto comparativo: Macabéa também é migrante nordestina, mas diferentemente de Rísia, seus pais morreram quando ela ainda era criança, tendo sido, portanto, criada por uma tia ferrenhamente religiosa e autoritária.

Onde Rísia e Macabéa se encontram? Elas encontram-se em espaços intersticiais que a linguagem pode criar (Cf. Bhabha 2001).

Estes espaços permitem-nos, na leitura que Crosta faz de Bhabha, a fundação de uma base teórica para que saíamos da lógica binária, “pois o terceiro espaço não pretende ser um terceiro termo, mas um entre-lugar que os engloba e os ultrapassa” (Bhabha *apud* Bernd 1998:268).

É, portanto à margem que Rísia e Macabéa se encontrarão. E como diz a própria Rísia: “Ser marginal é para quem pode” (MT: 36).⁶

Em se tratando de um discurso vindo da margem, das tantas entre-condições vivenciadas pelas personagens fica evidente nestas construções discursivas o pensamento de Hall: “Identidades culturais são os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, os quais são produzidos no interior dos discursos da história e cultura. Não uma essência, mas um posicionamento”⁷ (Hall 2000:24).

Assim, tentaremos mapear os possíveis pontos de identificação no trajeto migratório das personagens, buscando flagrá-los através dos diversos posicionamentos que os espaços fronteiriços — geopolíticos, psicológicos, etnoraciais, religiosos — lhes impõem.

⁶ O romance *As Mulheres de Tijucopapo* será referido a partir da sigla MT, seguido da numeração de página; o mesmo ocorrendo para *A Hora da Estrela* (HE).

⁷ No original: “Cultural identities are the points of identification, the unstable points of identification or suture, which are made, within the discourses of history and culture. Not an essence but a positioning”.

1. As Mulheres de Tijucopapo: um pouco de história.

Em 1646, quando no Brasil ainda havia o sistema de Capitânicas Hereditárias e vivíamos sob o jugo da colonização portuguesa, quatrocentos holandeses e duzentos indígenas, aproximadamente, compunham um grupo que pretendia invadir a Comunidade de Tijucopapo. Esta comunidade contava por volta de 100 habitantes e pertencia à Capitania de Itamaracá. Inicialmente os invasores teriam como objetivo saquear mantimentos para suprir as necessidades do grupo, mas a intenção maior era posteriormente dominar toda a Capitania conhecida por seu progresso.

Dois capitães de Tijucopapo, trazendo gado e pesca avistaram entre 12 e 17 embarcações e imaginaram que eles estavam vindo para roubar-lhes a boiada, pediram então reforço para Igarassu, que mandou proteção para lá, deixando Tijucopapo desprotegida. Vinte e três homens montaram uma tocaia no mato para quando eles desembarcassem e, obviamente, os holandeses venceram o pequeno grupo.

Quando os holandeses abriram uma pequena porta na trincheira que circundava Tijucopapo, as mulheres os atacaram, munidas com patacas de lama, água quente, objetos da cozinha e ferramentas da agricultura. Ao mesmo tempo em que lutavam, rezavam a Deus pelos seus maridos e filhos. Enquanto se dava o combate entre o grupo dos holandeses e as mulheres, os homens de Tijucopapo ardearam a trincheira e deram tiros pelo lado oposto. Os holandeses, então, retiraram-se para sempre. (Cf. Calado 1985)

2. As Mulheres de Tijucopapo: o romance

É na busca destas raízes que Rísia, narradora-personagem do romance *As Mulheres de Tijucopapo*, regressa de São Paulo, com destino a Tijucopapo. Viaja durante nove meses — tempo de uma gestação (ela está grávida de si própria) — saindo da metrópole por dentro das florestas paralelas à BR aonde os carros vão de Recife para São Paulo e de São Paulo para Recife, até encontrar-se com Lampião e, após uma queda de cavalo, acordar em Tijucopapo. Rísia segue pela margem, paralelamente à BR oficial, numa bonita metáfora que inscreve sua entre-condição.

“Eu odeio São Paulo” (MT:47). “Aqui parece que não se morre, Nema. Aqui parece que só se dói muito”. (MT: 50). “Mas em São Paulo, o que é que se quer. Lá não chove, não tem areia, não tem pitomba. Lá, se eu quiser eu não posso, Nema”. (MT: 53). A metrópole fraturou mais ainda a identidade de Rísia, a ponto que mesmo que ela quisesse ela não poderia. Sua fragmentação foi tanta que a obrigou a tentar recuperar suas raízes, história, identidade social e individual no caminho de volta a Tijucopapo.

Sua história é narrada através de uma carta que ela escreve para a amiga Nema, embora em muitos capítulos (nos cinco iniciais, oitavo e a partir do vigésimo terceiro)⁸ ela não faça referência à amiga e nestes mesmos capítulos a narrativa tome uma forma diferenciada de carta. A carta não é enviada, nem se quer concluída, mas é importante destacar que uma carta representa bem o discurso de um indivíduo em deslocamento.

Rísia nasceu em Poti, uma vila próxima a Recife, e, ainda criança migra com a família num pau-de-arara para São Paulo:

Desgraça. Em 1969, Natal, nós nos retiramos das praias ainda maravilhosas de Boa Viagem. Boa viagem da incendiada e alagada Recife de entre-rios. Da Recife coitada. Nós batemos em retirada no meio de porcos e galinhas e pedaços de tapioca amanhecida, entre catabios e sacolejos de um pau-de-arara, para um hotel imundo no Brás de São Paulo enquanto papai, o louco, alugava um porão qualquer onde nos socar. [...] Mas São Paulo jamais seria o paraíso dos panfletos que distribuía sobre ela na coitada Recife. (MT:73).

Mestiça, neta de uma negra com um índio; Rísia é filha de um pai ateu com uma mãe protestante; pobre; e completamente marcada pela falta de amor dos pais, tanto entre eles próprios, como deles para com ela. Seu pai tinha outras mulheres e dava surras em Rísia. Sua mãe, uma mulher completamente amargurada pelos sofrimentos que a vida lhe impôs, sempre ignorou a filha: “Mamãe era galhos; roseira sem flor, seca, esturricada” (MT:22).

⁸ O romance conta com 137 páginas organizadas em trinta e três capítulos.

Mamãe desceu do ônibus eram dez e meia. Eu vi o vestido azul de passeio. [...] Eu sequei as lágrimas envergonhada. Pois eu sabia, mamãe me olharia como não me olhou, me abraçaria como não me abraçou. [...] E mal me olhara e não me abraçara. Eu sequei envergonhada. Mamãe nunca me abraçava. Mamãe me secava de indiferença, mamãe era uma merda. (MT: 24).

A mãe de Rísia nasceu em Tijucopapo. “Vou ter que ver por que minha mãe nasceu lá em Tijucopapo. E, caso haja uma guerra, a culpa é dela” (MT: 17). Por isso ir a Tijucopapo é tão vital para Rísia, o tempo inteiro às voltas com a questão “Quem sou eu?”. Questão esta que perpassaria à identidade coletiva, num primeiro plano. Ora, nossas origens mais próximas estão sempre arraigadas à nossa mãe e à nossa terra — a mãe está para nossa identidade individual, assim como a terra está para a identidade coletiva, social, cultural. Elas, mãe e terra, portanto, fundem-se na recuperação de nossas raízes — mas com Rísia nem este início é próximo, às vezes parece inacessível:

Era a Poti, a vila-lua onde eu nasci e onde nasciam essas mulheres doidas como tia, ou essas pobres mulheres como mamãe, que eram dadas numa noite de luar, por minha avó, uma negra pesada, e que depois seriam mulheres sem mãe nem irmãos, desgarradas, mulheres tão sem nada, mulheres tão de nada. Era a Poti, e minha mãe era filha adotiva de irmã Lurdes, a mãe de tia. Minha mãe tinha perdido todos os contatos com o verdadeiro de si mesma. O último originário de mamãe se apagou com os raios da lua na noite de luar em que ela foi dada. Tudo de mamãe é adotado e adotivo. Minha mãe não tem origens, minha mãe não é de verdade. Eu não sei se minha mãe nasceu (MT. 34).

Também neste trecho é possível ver, como a romancista conjuga:

[...] a força da subjetividade do ‘eu’ protagonista ao movimento de expansão do sujeito para fora do individual: lança este sujeito para um circuito verdadeiramente excêntrico, voltado para o coletivo (mulheres, exilados, excluídos) (Vieira 2001:22).

De acordo ainda com Vieira:

Rísia quer expressar o mundo dos seus até as últimas conseqüências, para recuperar uma identidade perdida e romper com uma existência massificadora. Quer, sobretudo, entender a sua identidade coletiva através da sua diferença, de sua herança marginal como as mulheres de sua família (Vieira 2001:24).

Durante toda a obra encontramos esta busca de recuperação de uma identidade coletiva que perpassa a sua diferenciação individual. Os jogos semelhança/ diferença, individual/social, eu/outro, são configurados nos momentos em que nos flagramos diante de pontos de identificação que posicionam Rísia dentro e entre múltiplos espaços fronteiriços.

A narração inicia-se com Rísia em São Paulo vindo para Tijucopapo. Num vertiginoso fluxo de consciência Rísia narra sua história: presente, passado e esperança de futuro, tudo ao mesmo tempo, num ir e vir de memória e de lugares. Num entra e sai de Poti, Recife e São Paulo, num ir e vir entre infância e adultez, amor e ódio.

Em vários momentos, Rísia volta à mesma cena. Ela repete palavras, frases inteiras, denunciando-nos não apenas o labirinto que é o seu pensamento, mas a sua inserção em múltiplos entre-lugares. “Eu estou ensolarada e labirintítica. É que estou próxima de Recife e Recife me confunde toda. Recife está sempre morrendo de alucinação” (MT:110).

No capítulo 13, onde ela conta como perdeu o amor de um homem, encontramos estruturas que denunciam o entre-lugar psíquico de Rísia, frases no passado e presente ao mesmo tempo: “Quando você morreu eu não te perdôo pois você preferiu se morrer de mim a ficar comigo”; “Quando você morreu, um dia eu ainda te telefono” (MT:61); “No dia que você morreu eu te imagino vivo [...]” (MT:60). Quando Rísia se refere à perda deste homem, sua linguagem fica truncada: o passado não aceito aparece em seu presente de tristeza e raiva. A própria narrativa enche-se de significado, de dor, de corte, de perda.

Rísia expressa sua tristeza de forma agressiva, meio louca. Uma agressividade que remonta suas faltas aglutinadas durante toda a vida. Uma agressividade que é sua forma de sofrer. Fala, então, de um lugar psíquico que oscila entre lucidez e insanidade:

Me disseram que eu vivo é em guerra. Em pé de guerra. [...] E só vou conseguir sossegar quando matar um. É que quando eu era pequena alimentei durante todo o tempo a idéia de matar meu pai. Não matei. Não o matarei mais. Mas ficou a vontade, essa de matar um (MT:16).

Depois papai chegava e eu preparava minha cara de assassina para matá-lo. Eu o fuzilava com um olhar de quem grita, espada em riste: —Papai! O que foi que você fez com mamãe para ela estar com esse bucho e essa cara de cu? [...] Só mais tarde eu descobriria que minha avó tinha sido mesmo puta, e que meu pai tinha ficado, portanto, esse ódio que o fazia um homem não pai, não marido. Papai era um homem sem amor (MT:20-21).

Ou ainda em:

“Eu preciso dizer que odeio porque o amor faz de mim uma dor que enlouquece” (MT: 51).

Ela não suportava o amor. Quando Luciana, uma colega da escola, ainda de sua infância começou a demonstrar seu carinho por Rísia, ela não entendeu, não aceitou, não soube lidar: “[...] E só sabia gostar e ser dócil. E veio a mim como quem gosta mesmo, assim, dizendo: — Eu gosto. E eu não suportei. Não suportei. Não suportei” (MT:26).

Também em relação à religião Rísia não consegue se localizar:

A rua onde eu vivia era, duma esquina a outra, rua de protestantes. As pessoas se tratavam por ‘irmão’, mas cada casa tinha o seu quintal. [...] Minha rua tinha mulheres assim que, na porta da igreja, sobraçavam bíblias e saias longas e, na porta que dá para a goiabeira, praticavam o coito depois duma surra. Os homens de minha rua, irmãos, davam sempre na mulher (MT:18).

Seus lampejos de identificação com o outro são abertamente flagrados quando, por exemplo, Rísia encontra-se com uma mulher doente em um hospital onde trabalhava e, diante desta *outra*, ela identifica-se pela diferença: “Eu me apaixonei pela história dela, além de

que diante dela eu me sentia sadia, jovem e pura, nova em folha” (MT:14). Em relação a uma colega da escola, admite:

Eu gostava de Libânia porque ela era tão limpa e bonita, porque os cadernos dela eram limpos e a letra bonita, e o cabelo dela era liso e o meu crespo, e, e Libânia tinha uma calma que eu não tinha. Era como se eu quisesse ser um pouco Libânia. Eu queria ser como Libânia (MT: 27).

Nestes trechos vemos claramente os pontos de identificação, de sutura, embora instáveis. Mas Rísia não apenas se identifica pela diferença, ela também o faz pela semelhança: “Eu sou pobre de pai e mãe. Pobre, pobre. [...] Eu caminho pela ponte e há esmoleres margeando meu caminho. E há ladrões e prostitutas. Não me identifico portanto. E me identifico” (MT:72).

Em outros momentos flagramos as tentativas enlouquecidas de busca de si: “Hoje sou uma agoniada e ninguém me agüenta. Sou um estado de porre sem nunca ter bebido” (MT:23). Outras vezes, há uma desistência de compreender-se e ser compreendida: “Jamais vou admitir que me definam”. (MT:23).

Encontramos a personagem sempre em estados fronteiriços, a própria estrutura da narrativa já denuncia as rupturas, os cortes, a limiaridade da existência de Rísia: “Eu sou feita de lama imunda. O meu choro. Era uma vez, no onde a praia vira lama, Tijucopapo, nasceu minha mãe. Eu sou feita de lama que é negra de terra”. (MT: 55-56).

Nestes momentos, evidencia-se a relação mãe e terra, mãe e lugar. Rísia, sua mãe e Tijucopapo se confundem. Rísia não nasceu em Tijucopapo, nasceu em Poti, mas é para Tijucopapo — lugar onde sua mãe nasceu — que Rísia quer ir. Em busca de quê/quem? Rísia busca a mãe? A terra? Rísia busca os dois porque busca a si própria: ela busca a mãe-terra, a terra-mãe, o individual via social.

Seus múltiplos entre-lugares são flagrados por ela própria de forma raivosa, como nos trechos que se seguem: “Meio-dia é a pior hora”. (MT:25). “Papai era ateu, mamãe era crente. O que viesse deles era infelicidade e morte. Ou então era eu, a doida” (MT:32). “Estou morro não morro” (MT: 32; 37; 40; 49; 54; 61; 75).

Era a Poti, uma vila-lua onde nasci e onde sei que meu avô foi índio. Às vezes eu me olho no espelho e me digo que venho de índios e negros, gente escura, e me sinto como uma árvore, me sinto raiz, mandioca saindo da terra. Depois me lembro que não sou nada. (MT: 35).

E ainda em: “[...] E, não, eu não sou de agüentar a margem da vida. Na margem sou fio que se quebra. Na margem só ficam os fortes. Sou fraca, fina e frágil” (MT:16). “Meu coração disparou como um relógio despertando zero hora, o encontro marcado entre o dia e a noite. O onde se cruzam claro e escuro” (MT:38). “É como se as coisas estivessem no limiar das coisas, Nema” (MT: 48). “Saí porque não havia um lugar sequer que me coubesse” (MT: 55). “Seria fácil se eu não estivesse exatamente no meio. Estou no meio, na metade” (MT: 57).

Rísia ainda reclama de sua facilidade para vomitar e da gagueira que a afligia nas situações de tensão. Em alguns momentos ficava muda de vez. Falar é expressar-se e expressar-se é existir, é definir-se pelo menos temporariamente. “Saí porque quase perco a fala na grande cidade” (MT:55). “Tive de vir embora para não endoidecer” (MT:32). A sua gagueira aparece na própria narrativa, em muitos trechos, quando repete o conectivo *e*⁹ ou quando narrando uma determinada cena, repete palavras, frases.

Podemos ver esta dificuldade com a oralidade de forma explícita em passagens como:

Ah, se estivesse em mim não falar sobre nada. Eu queria poder me calar por dias e mais dias. Ah, se pelo menos eu pudesse falar em língua estrangeira. Ah, se eu pudesse somente grunhir. Ah, se eu pudesse ser um bicho. Se eu pudesse ser um bicho eu seria uma égua, uma égua que saísse em disparada arrancando patacas de lama da campina encharcada ou fazendo poeira de barro seco das serras (MT:35).

Por isso Rísia escreve a Nema e quer falar em inglês, quer escrever a carta e passar para uma língua estrangeira. Talvez se expressando numa língua estrangeira, Rísia se sinta em casa, já que ela não existe em sua própria linguagem. Nenhuma fala parece expressar sua existência. Escrever parece ser sua tábua de salvação. A escritura permite

⁹ Vide citação quando Rísia refere-se a sua colega Libânia (MT:27).

que nela os habitantes dos entre-lugares, do além possam existir, como depreendemos da leitura de Bhabha (2001).

A oralidade problemática, ora escassa, ora truncada, ora excessiva, ora *labrintítica* de Rísia é denunciada já em seu nome que vem de riso [*Do lat. risu.*], cujo dicionário Aurélio Buarque de Holanda traz três significados: 1. *Ato ou efeito de rir; risada*; 2. *Alegria, contentamento, satisfação*. 3. *Coisa ridícula*. [Cf. rizo, do v. rizar.]. Rísia zomba de sua própria existência. Rísia tem um nome que remete à felicidade, embora ela seja triste, raivosa e agressiva. Mas também seu nome remete ao ridículo do que há no ser humano. Seu nome é em si uma ironia, um deboche.

Os capítulos do início e meio do livro são mais curtos, agressivos, compostos por frases curtas e duras, diferentemente do que vai ocorrer na última terça parte do livro: os capítulos tornam-se menos pensamentos e mais ação; aparecem mais diálogos e também são mais longos; outros personagens aparecem e Rísia torna-se mais mansa e calma.

É que ela encontrara um novo amor e só o amor, segundo ela, pode refazer alguém. Rísia encontra-se com Lampião e termina em Tijucopapo, preparando-se juntamente com as mulheres de lá para descer a BR e fazer a revolução na Avenida Paulista.

A narrativa de *As Mulheres de Tijucopapo* apresenta, a nosso ver, três tipos de mescla: linguagem, forma e ficção/história. No primeiro tipo, encontramos uma mescla de linguagem coloquial com uma linguagem mais rebuscada. Verificamos isto em trechos como: “traçado na testa dela” (MT:12), ao invés de “na sua testa” ou “Cheiro de quê, vindo assim de baixo das saias daquela mulher? Eu disse cheiro de porra e mistura de mênstruo marrom que devia ser o daquela mulher” (MT:14); ou frases iniciadas com próclise, contradizendo as regras da boa redação como: “Me vem barro na boca” (MT: 12). Ou ainda frases contendo cacofonias como: “Lá tinha uma ladeira de barro” (MT:16).

Também se vê o uso de termos tidos como chulos: *cagava lombriga, bexiga lixa, cara de cu*, espalhados em vários trechos da obra. Estes termos ou expressões convivendo lado a lado com verbos flexionados em um tempo que só usamos na linguagem formal e construções mais elaboradas como em: “Eu me agachara a pegar algo no chão...” “Tive de ir-me embora e cá estou...” (MT: 14). “Todas as Anas são umas traidoras. Capemo-las. Expulsemolas do paraíso” (MT:15).

A forma da narrativa constitui um segundo tipo de mescla: há trechos que ora se constituem carta à Nema, ora são trechos que falam sobre Nema, mas não endereçados a ela, ou ainda trechos em que a carta é completamente esquecida.

Na terceira mescla, por sua vez, temos a interface ficção/história. Além da referência às mulheres guerreiras de Tijucopapo e a Lampião, que são retirados de seu tempo histórico e inseridos em seu tempo ficcional, Marilene Felinto faz referência à revolução de 64:

Era 1964 e naquele ano, um dia tal, não posso me esquecer que estava com Ruth na cidade, tomando um guaraná inteiro, primeira vez que eu tomava um guaraná inteiro, Ruth comprara, pois que naquele solão de março, um guaraná gelado pra mim, outro pra ela, quando súbito estouraria ali, no meio de nós, a Revolução. Larguei o guaraná em metade no balcão do bar, Ruth me puxando espavorida pela mão, lojas fechando, soldado por todo lado, cachorros, sirenes, bombas. [...] ‘Mas o que foi?’, eu perguntei. ‘A Revolução!, a Revolução, menina.’ [...] Revolução — meu guaraná em cima do balcão, minha casa sem televisão. (MT: 20).

De forma geral, a linguagem usada faz menção à nossa “nordestinidade”, no momento em que encontramos vocábulos típicos de nossa região e alguns bem especificamente pernambucanos, como: *bucho, peixeira, mangar, toitiço, abestalhada, calunga, muxoxo, pisa, esculhambação, fastio, aperreada, cocó, cabrita, encarnada*.¹⁰

Esta miscelânea na obra em pauta sem qualquer tipo de hierarquização entre os diversos elementos, entre outros fatores, a aponta como narrativa híbrida, utilizando-nos deste termo da forma como trabalhada na introdução do livro de Bernd (1998).

3. A Hora da Estrela: um contraponto para *As Mulheres de Tijucopapo*.

Este romance de Clarice Lispector tem como protagonista uma jovem nordestina, alagoana, de dezenove anos que vem morar e trabalhar como datilógrafa no Rio de Janeiro. Macabéa é muito pobre e divide um

¹⁰ Encarnada aqui se refere à cor vermelha.

quarto com outras moças trabalhadoras das Lojas Americanas. Ela se diverte com a Rádio Relógio que é sua forma de conexão com o mundo: ouve as horas, as gotas de cultura inútil e os anúncios que tanto adora. Vez por outra sente saudade da infância, como se esta tivesse sido feliz.

Ela admira Glória, sua colega de trabalho que tem o cabelo pintado de loiro, lábios grossos e sabe escrever palavras difíceis, ao contrário dela, que é uma péssima datilógrafa e que, por isso mesmo, já recebeu seu aviso prévio de demissão. Macabéia admira em Glória tudo o que ela (Macabéia) não é. Glória rouba-lhe o namorado Olímpico, e nem por isso Macabéia tem raiva da amiga.

Como Macabéia se vê? Macabéia não se vê: “[...] sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser”. (HE:36).

Aconselhada por Glória, Macabéia vai consultar uma cartomante. Esta vê para ela um final feliz: diz que Macabéia encontrará um estrangeiro chamado Hans: “Ele é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos” (HE:77). Este estrangeiro iria casar com Macabéia: “Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enjeitadinha, você vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar!” (HE:77). Macabéia ao sair da casa da cartomante, de fato encontra este estrangeiro vindo numa limusine que a atropela. Macabéia morre.

4. Onde Rísia e Macabéia se encontram?

Rísia e Macabéia são muito semelhantes: ambas, de formas diferentes não se sentem existindo, sendo. Nenhum lugar parece cabê-las, porque elas se quer cabem dentro de si próprias.

Num primeiro momento, poderíamos analisar a ironia dos nomes das personagens em pauta.

Nossa identidade começa em nosso nome. As duas têm nomes irônicos. (Já vimos Rísia, um pouco atrás.) Se pensarmos, agora em Macabéia: por que a mãe lhe deu este nome?

“Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome [...]”. (HE:43).

Macabéia não era chamada, não se chama o que não existe. E ao receber um nome é em homenagem à morte, ao não existir. Macabéia foi desde sempre rejeitada.

A idéia de rejeição torna-se ainda mais incisiva se pensarmos que o nome Macabéia poderia muito bem ser o feminino de Macabeu, nome de um personagem/livro bíblico e que, embora na Bíblia Católica se encontrem dois livros dedicados aos Macabeus, eles não são considerados parte do Cânon das Escrituras dos Judeus. Isto é, não são considerados inspirados, são tidos como apócrifos (ocultos, escondidos) e por isso, foram *rejeitados* durante muito tempo¹¹ e ainda o são para algumas bíblias de igrejas evangélicas. O anonimato e a rejeição de Macabéia já vem, portanto, marcados desde a escolha do seu nome: “Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica” (HE:31).

A oralidade das duas personagens seria um segundo ponto a analisarmos. Enquanto Rísia é agressiva e ela própria conta sua história já que temos uma narradora-personagem, Macabéia é o silêncio, sua história está nas mãos de Rodrigo S. M.

Apesar desta forma diferente de expressão, encontramos pontos de identificação bastante significativos: as duas têm problemas com vômito¹² e possuem momentos onde a expressão é claramente um problema, porque ligada à questão da identidade.

Já vimos que Rísia ora fala, ora gagueja, ora silencia, ora fala truncado, ora quer grunhir como um animal; Macabéia por sua vez: “Ela falava, sim, mas era extremamente muda” (HE:29). “Ela era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos”. (HE:33) “Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente” (HE:26). O

¹¹ Dizem ainda os teólogos e exegetas que Macabeu corresponde ao termo hebraico Mak’ôbin que significa tribulação, perseguição, martírio. Os livros fariam então das tribulações, perseguições e martírios do povo hebreu (os judeus). Outros dizem que o nome Macabeu procede do termo aramaico maqqabá, que significa martelo. Os macabeus através da luta e resistência procuravam a todo custo preservar a *identidade* religiosa e cultural do povo judaico. (Cf. Souza:1999).

¹² O problema com vômito, psicologicamente falando, na maioria das vezes nos remete à questões típicas da oralidade, como à carência afetiva, sobretudo materna e a necessidade de falar e expor sentimentos danosos à psique.

que estamos defendendo é que, apesar dos comportamentos diferenciados, os motivos que os movem são semelhantes: ambas não sabem que resposta dar à pergunta “quem sou eu?”. Tanto Rísia quanto Macabéia encontram-se nem aqui nem lá, não apenas no sentido geográfico, mas cultural e psíquico, tendo, portanto, sua expressão marcada por estes espaços intersticiais.

Num terceiro momento, é-nos possível flagrar estes espaços intersticiais tanto em Rísia que se sente explicitamente “morro não morro”, “no meio, na metade”, “no limiar das coisas”, como também em Macabéia: “É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco é um encontro” (HE: 34). “Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada e em cheio no chão. É que ‘quem sou eu?’ provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto” (HE: 15). “[...] ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor” (HE:23). A escritura, no conteúdo e forma, indica a existência de um lugar além do binário.

Quando Rísia olha-se no espelho, ela vê suas origens: lembra-se que é neta de negra com índio, sente-se raiz brotando da terra e depois vê que não é nada. Também Macabéia ao olhar-se no espelho vê suas origens, ela enxerga seu criador, Rodrigo S. M.:

Vejo a nordestina se olhando no espelho e — um rufar de tambor — no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos. Não há dúvida que ela é uma pessoa física. E adianto um fato: trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia? (HE:22).

Estas duas cenas metaforizam a busca da identidade pessoal perpassando as raízes, as origens mais coletivas e sociais do indivíduo. Quando se busca a si, encontra-se o outro, pois só diante do outro, podemos nos identificar, pela semelhança e diferença. A identidade individual marcada pela pertença do sujeito em uma determinada cultura. Este seria um quarto ponto de encontro entre Rísia e Macabéia.

4. Mas onde o caminho de Rísia e Macabéa se bifurca?

Os caminhos das personagens em pauta se separam, no nosso ponto de vista, não apenas na forma da narrativa, obviamente, mas na visitação do masculino. Enquanto Rísia escreve sua própria história e no final encontra-se com Lampião, alguém cujo amor ajuda a refazê-la, e, portanto, facilita seu encontro com as mulheres de Tijucopapo; Macabéa, por sua vez, tem sua história contada por um homem, Rodrigo S. M.

Ao contrário de Rísia, ela não é ajudada a se refazer em seu caminho por ele, e no final, duas mulheres — Glória que sugere que Macabéa visite a cartomante, e a cartomante que vê um destino para ela — mediam seu caminho até o homem que destruirá de vez a sua vida. Muitas conjecturas poderiam ser formuladas acerca do que chamamos aqui de visitação masculina.

Para os limites a que nos propomos neste trabalho, tais considerações se excluem, todavia podemos indagar: que implicações esta “bifurcação” nos caminhos de nossas protagonistas apontam para as questões relacionadas a gênero? Até que ponto Rísia não representaria ainda a mulher que espera o príncipe no seu cavalo branco? Na construção da identidade das duas personagens, como estaria representado ou que significação teria o outro masculino em suas trajetórias identitárias? Enfim, estas e outras tantas questões que podem ser formuladas demonstram que as duas obras em pauta ainda apresentam muitos caminhos para investigações concernentes à identidade.

Referência bibliográfica

- BERND, Zilá. 1998. Em busca do terceiro espaço. In: — *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- BHABHA, Homi. 2001. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CALADO, M. 1985. *O valeroso lucideno e o triunfo da liberdade*. Recife: FUNDARPE. Vol 2.

- CIAMPA, Antônio. 1987. *A história de Severino e a estória de Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- FELINTO, Marilene. 1990. *As mulheres de Tijucopapo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora 34.
- GOFFMAN, Erwing. 1985. *A representação do eu na vida cotidiana*. 4ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOMES, Geruza. 1990. *A experiência do vazio*. Recife: Massangana, 1990.
- HALL, Stuart. 2000. Cultural identity and diaspora. In: *Diaspora and visual culture*. Ed. Nicholas Mirzoeff. London: Routledge.
- _____. 2002. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A editora.
- JACQUES, Maria da Graça. 1998. Identidade. In: *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LISPECTOR, Clarice. 1999. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.
- VIEIRA, S. K. 2001. *Entre o céu e a terra: questões de identidade cultural em As mulheres de Tijucopapo, de Marilene Felinto*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. (Sob orientação do Prof. Dr. Sebastião Teoberto Mourão Landim)
- SOUZA, Paulo Joaquim de. 1999. Livro de Macabeus. Formação Bíblica. In: Vanderley Sampaio (ed) *O pescador — Garça* (SP) - Ano II - Nº 14 – Abr.
- WALTER, Roland. 2003. Prologue. In: *Narrative Identities: (Inter)cultural In-Betweenness in the Américas*. New York / Frankfurt: Peter Lang.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TEXTOS

A revista **Investigações** aceita os seguintes tipos de contribuição: artigos inéditos, ensaios bibliográficos e resenhas críticas nas duas áreas de estudo: Teoria literária e Lingüística. Os trabalhos submetidos a **Investigações** devem ser enviados em disquete, digitados em espaço 1.5, tipo 12, letra Arial, alinhamento justificado, em programa Word-for-Windows 98 (ou outro mais recente), sem formatação, além de parágrafo e em três vias impressas. Deve ser colada, no disquete, uma etiqueta contendo o nome e instituição do autor, além do título do trabalho. Duas das vias impressas devem vir sem informação que identifique a autoria. O disquete não será devolvido ao autor, que deve manter seu texto em arquivo para as eventuais modificações sugeridas pelos pareceristas. Em folha à parte, devem vir o título, endereço completo, filiação a instituições de ensino ou pesquisa, cargo, titulação, telefone, fax e e-mail do autor.

As "Notas" devem ser digitadas ao fim de cada página, numeradas a partir de 1. Se houver nota referente ao título, esta recebe asterisco e não numeração. As notas não devem ser utilizadas para referência bibliográfica. As referências devem ser feitas no corpo do trabalho segundo o exemplo: ...como diz Preti (1991: 43)...; referências após citação: (Preti 1991:43); no caso de paráfrase (cf.: Preti 1991:43). Nunca usar idem, ou idem, ibidem. Para ênfase usar itálico e não sublinhar.

"Tabelas", "gráficos", "desenhos", "quadros" e "árvores" devem ser encaminhados, também separadamente, em versão impressa, pronta para ser fotografada, em laser/ink jet ou tinta nanquim. Devem ser numerados e ter título. Apenas as iniciais do título deve estar em maiúsculas.

"Resumo" "Abstract" "Résumé" devem ser digitados em tipo 11, letra Arial, espaço Simple, alinhamento Justificado, com cerca de 100 palavras (no máximo), em português, inglês e francês. Devem, ainda, ser seguidos de, no máximo, quatro palavras-chave nas línguas citadas. Recomenda-se que os mesmos sejam revistos por falantes nativos dos respectivos idiomas.

Referências bibliográficas: digitar a expressão REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem

numeração das entradas e sem espaço entre as referências. O principal sobrenome de cada autor é seguido de vírgula e do nome e sobrenomes. O nome de outros autores, quando houver, ou dos organizadores da obra de onde for retirado o artigo, precedem o sobrenome. Os títulos de livro, coletânea ou revista devem vir em itálico. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um traço de 5 toques. A data identificadora da obra deve vir entre pontos, após o nome do autor (outras datas relevantes no final da entrada). Mais de uma obra de um autor no mesmo ano, devem ser identificadas por letras a, b, c, etc. após a data.

Exemplos:

- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. 2002. Sistema fonológico do português: discutindo o consenso. *D.E.L.T.A.* 18(1):1-24.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. 1977. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livro Técnico.
- GUMPERZ, John J. 1986. Interactional sociolinguistics in the study of schooling. In: Jenny Cook-Gumperz, ed. *The Social Construction of Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.45-68.

Anexos: caso existam, devem ser colocados depois das referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo. Para anexos que constituam textos originais já publicados, enviar em formato final para ser fotografado e incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão de editores para reprodução.

Investigações detém o "copyright" dos trabalhos a ela submetidos, exceto nos casos em que estiver impresso o contrário. Os trabalhos publicados em **Investigações** só podem ser reeditados (livro, coletâneas etc) com expressa autorização do Corpo Editorial desta Revista. Os trabalhos submetidos à Revista **Investigações** não podem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.

Tamanho: ARTIGO: até 10.000 palavras. Se contiver gráficos ou anexos, o conjunto não deve ultrapassar 25 páginas. ENSAIO BIBLIOGRÁFICO: até 6.000 palavras. RESENHA: até 3.600 palavras.

Endereço: Os textos submetidos deverão ser enviados para:

Investigações: Lingüística e Teoria Literária. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, 1º andar, Cidade Universitária. 50.670-901 Recife – PE. Tel: (81) 2126.8767 Fax: (81) 2126.8767
e-mail: ancovieira@yahoo.com.br

PUBLICAÇÕES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UFPE EM 2005

- CORDIVIOLA, Alfredo. *Um mundo singular: imaginação, memória e conflitos na literatura hispano-americana do século XVI*.
- DUARTE, Zuleide (org.). *Áfricas de África*.
- FALCONE, Karina. *O acesso dos excluídos ao espaço discursivo do jornal*.
- FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de; LEITE, João Denys Araújo. *Imagens do Brasil na literatura*.
- FERREIRA, Ermelinda (org.) *Na véspera de não partir nunca: 70 anos sem Fernando Pessoa*.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves (org.). *A escrita da nova mulher*.
- FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. *A escrita oficial: manuscritos paraibanos dos séculos XVIII e XIX*.
- PESSOA, Marlos de Barros (org.). *Língua, textos e história: manuscritos e impressos na história do português brasileiro*.
- SÁ, Maria da piedade Moreira de; LIMA, Ana Maria; CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da; OLIVEIRA JR, Miguel (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade do Recife*. V. II (elocuções formais).
- SAMPAIO, Maria Cristina Hennes. *Democracia, cidadania e linguagem em tempos de globalização*.
- SILVA, Ivanda Maria Martins. *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*.
- ZIRPOLI, Ilzia Maria. *Vidas re-compostas: aventureiras, peregrinas, viajantes (contos de Nélide piñon)*.

INFORMAÇÕES GRÁFICAS

FORMATO	16 x 23 cm
TIPOLOGIA	Kuenst480 BT
PAPEL	MIOLO: pólen 80 g/m ² CAPA: Triplex 250 g/m ²

Montado e impresso na oficina gráfica da

Editora
Universitária  UFPE

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 - Várzea
Recife | PE CEP: 50.740-530 Fax: (0xx81) 2126.8395
Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930
www.ufpe.br/editora • edufpe@nlink.com.br • editora@ufpe.br